O PROCESSO DA DIÁSPORA NA OBRA *"O XARÁ"* (2003), DE JHUMPA LAHIRI

Carlos Eduardo Parente de Souza*
Orientadora: Elis Regina Fernandes Alves**

Resumo: Este artigo aborda o processo da diáspora no contexto literário Pós-colonial, na obra *O xará* (2003), de Jhumpa Lahiri, no qual objetiva-se mostrar que o deslocamento ao qual se submeteram Ashima e Ashoke Ganguli, personagens analisados na obra, são representações diaspóricas. O enredo mostra a saga do casal bengalês que adere à diáspora na década de 60, buscando nos Estados Unidos melhores condições de trabalho. Para análise da obra usamos autores como: Aschcroft (2000), Brah (2002), Bonnici (2003;2005), Cohen (1997), Feldman (2007), Hall (2003), entre outros, para definir o conceito de diáspora, além da diferenciação entre as diásporas Clássica, Moderna e Contemporânea. Conclui-se que o casal, ao se diasporizar para os EUA, leva consigo traços de suas raízes e a esperança de um dia retornar para sua pátria.

Palavras-Chave: Pós-colonialismo; Diáspora; *O xará.*

Abstract: This paper discusses on the process of the diaspora in the postcolonial literary context, in the work *The Namesake* (2003), of Jhumpa Lahiri, in which we aim to show that the displacement faced by Ashima an Ashoke Ganguli, characters analyzed in the work, are diasporic representations. The plot shows the saga of the Bengali couple who joined to the diaspora in the 60s, searching in the United States better working conditions. For the analysis of this work, we used authors such as: Aschcroft (1995, 1998), Brah (2002), Bonnici (2005), Cohen (1997), Feldman (2007), Hall (2003), among others, to conceptualize diaspora, besides the differentiation among the Classic, Modern and Contemporary diasporas. We concluded that the couple, when diasporizing to the USA, takes with themselves traits of their roots and the hope of returning home.

Keywords: Post colonialism; Diaspora; *The Namesake.*

1. INTRODUÇÃO

O século XX marca o início de um novo modelo de análise literária, o pós-colonialismo. As teorias para os estudos pós-coloniais se desenvolvem, principalmente, após a década de 70, com a publicação da obra "Orientalismo", de Edward Said, que mostrou como o mundo ocidental construiu estereótipos em relação ao oriente. Assim, podemos refletir que os estudos teóricos literários no pós-colonialismo estudam os problemas deixados com a colonização.

Uma das linhas de estudos literários pós-coloniais é a diáspora, ou seja, uma forma de deslocamento. Diferente de emigração e nomadismo, os termos "deslocar-se por meio da diáspora" não estão atrelados apenas ao abandono de sua terra natal em busca de prosperidade, mas também consiste no deslocar-se de sue ambiente natural temendo guerra

*Acadêmico finalista do curso de Letras Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa da UFAM- IEAA. **Professora orientadora do artigo.

ou repressões políticas, sociais ou ideológicas, criando com isso não somente a idéia de abandono como também a imagem da expulsão, e as consequências desta expulsão acabam sendo retratadas na acomodação do outro no espaço alheio. Como objeto de estudo literário pós-colonial, a diáspora é classificada em três períodos distintos: Diáspora Clássica, Diáspora Moderna e Diáspora Contemporânea, como veremos adiante.

Uma forte representação de diáspora está presente na obra *O xará* (2003), de Jhumpa Lahiri, cuja narrativa cria um cenário representativo da questão da diáspora no período pós Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. O casal Bengalês, Ashoke e Ashima Ganguli, vivenciam essa fase da diáspora nomeada como diáspora contemporânea, passando por diversas problemáticas principalmente na questão social, uma vez que sua cultura não correspondia à cultura do homem norte americano. Isso faz com que esse casal, incialmente, se feche em seu mundo Bengalês e classifique como absurdos os aspectos sociais políticos e econômicos da população americana.

O objetivo deste artigo é fazer uma apresentação sobre a diáspora na obra *O xará* de Jhumpa Lahiri (2003), bem como mostrar suas consequências nos personagens que aderem a esse movimento, Ashoke e Ashima Ganguli, pois, ao estabelecer-se no espaço do *Outro*, estes sujeitos diasporizados tentarão adaptar-se não só a um espaço diferente, mas a uma cultura nova, que aos poucos sufoca sua própria cultura, e para que a vida possa fluir de maneira normal os personagens analisados serão levados a incorporar as artimanhas culturais do *Outro*, tendo suas identidades fragmentadas na sensação de não pertencer ao espaço do *Outro*.

Este artigo terá caráter bibliográfico de cunho qualitativo. A definição de diáspora será feita com o foco na literatura, em específico no contexto pós-colonial e autores tais quais Aschcroft et. al. (2000), Bonnici (2003, 2005), Cohen (1997), Feldman (2009), Hall (2003) serão utilizados para tais conceituações. Após o levantamento teórico e crítico sobre a teoria em questão, a diáspora, o romance “O xará” (2003), de Jhumpa Lahiri, será analisado e dele serão extraídos trechos para exemplificar como ocorrem as relações diaspóricas entre os personagens, bem como a formação de sua identidade. Por falta de tradução disponível em português de algumas obras aqui utilizadas, alguns trechos serão citados no original, em inglês, e sua tradução será feita pelo autor deste trabalho.

2. TEORIA DA DIÁSPORA

O processo de deslocamento sempre foi muito influente para a formação e enriquecimento de diversas culturas, e atualmente varias áreas do conhecimento humano estudam estes processos de mudanças. Dentre estas se encontra a literatura e em particular a literatura Pós-colonial, que delimitou o deslocamento como diáspora, estudo que é refletido para Cohen como: "[...] dispersão forçada foi encontrada em Deuteronômio (28:58-68)" […] forcible dispersion was found in Deuteronomy (28:58-68) […] (1997, p.1).

Como podemos analisar, muitos exemplos de diáspora podem ser encontrados ao longo dos textos bíblicos. Um aspecto representativo na bíblia, encontra-se no livro de Gênese, como a história de Adão e Eva, que segundo as crendices teológicas, após desobedecerem a um deus foram expulsos do paraíso e deslocaram-se para a popular a terra. Cohen usa os escritos bíblicos para mostrar as desvantagens que sofre um ser que adere a diáspora:

> Se você não observar e cumprir toda a lei... Deus dispersará você de todas as pessoas de uma terra a outra... Entre essas nações, você não encontrará paz, nem descanso para a sola de seu pé. Então Deus dará a você um espírito inquieto, olhos sombrios e uma fraqueza de apetite. Sua vida será perdida continuamente em suspense, o medo o cercará noite e dia e você não encontrará segurança durante toda sua vida.
>
> [If you do not observe and fulfill all the law… the Lord will scatter you among all peoples from one of the earth to the other… Among these nations you will find no peace, no rest for the sole of your foot. Then the Lord will give you an unquiet mind, dim eyes and a failing appetite. Your life will hang continually in suspense, fear will beset you night and day, and you will find no security all your life long.] (1997, p.1).

Deste modo, pode-se observar que o homem que muda de pátria por diáspora, é um sujeito que vive em constante conflito consigo e com a cultura do Outro, pois ele acha a *Outra* cultura diferente, porém necessária para ele viver. Assim, ao tentar definir o termo diáspora, seja ela por meio hegemônico ou por expulsão de seu local de origem, é preciso notar a diferença existente entre diáspora, nomadismo e emigração. Todas são deslocamentos de espaço, mas diáspora para Spivak (1996) lido em Bonnici:"constitui um trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente foi banido de sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar." (2005, p.23).

É comum ao ser humano oriundo do espaço escolhido como refúgio para o diaspórico ver na figura deste sujeito um indivíduo sem muitas perspectivas culturais,

colocando-o sempre abaixo do seu nível social, criando desta maneira os chamados "*estereótipos*", ou seja, tipos marginais para com o ser da diáspora causados pela cor da sua pele, cultura, ideologia, religião entre outros, contribuindo assim não somente com a conturbação identitária destes sujeitos bem como a formação flagelada de uma nova identidade nestes.

Esta formação do sujeito pode dar-se através do choque cultural que muitas vezes faz com que o ser diaspórico passe a pensar em si como alguém que deva fazer parte da cultura do *Outro*, e que seja obrigado a incorporar-se a ela para deixar de ser visto como diferente. É o que será explicitado abaixo, com a diferenciação dos três tipos de diáspora e a contribuição que cada uma teve para a formação dos sujeitos diaspóricos.

2.1. DIÁSPORA CLÁSSICA

Entende-se por Diáspora Clássica os deslocamentos ocorridos antes da configuração do mundo "moderno", iniciado com o Renascimento. Uma das primeiras manifestações surgiu com a comunidade Judaica no ano de 586 a.C. fundamentando-se como um deslocamento imposto aos indivíduos judeus, caracterizados por guerras e fugas por repressões. Reis (2004) lido em Feldman explica que, além da comunidade judaica: "O Período Clássico, que envolve não apenas a diáspora judaica, mas a dispersão dos gregos (de onde se origina a palavra) na colonização da Ásia menor (Oriente médio) e da região do mediterrâneo" (2009, p.253).

Assim, o desloca-se por diáspora não é uma situação opcional visto que Para Brah lido em Feldman "Diáspora, claramente, não é o mesmo que uma viagem casual. Nem se refere a passeios temporários. Paradoxalmente, viagens diaspóricas são essencialmente sobre 'assentar-se' ou 'criar raízes' em algum lugar" (2009, p.252).

Deste modo, o sujeito diaspórico é obrigado a deixar o seu local de origem e o faz carregando consigo uma ideologia cultural concreta que ao chegar no espaço do *Outro*, ele a manifesta. No entanto, esta manifestação ideológica passa a ser vista como errada para o nativo da terra diasporizada que passa a reduzir os sujeitos deslocados. Porém, temendo os motivos que o fizeram sair de sua terra, estes sujeitos tendem a adaptar-se a um espaço que não os aceitam como membros.

Foi exatamente o que aconteceu com a classe Judaica, que, com a diáspora sofreu consequências diversas, além de serem classificados com termos *estereotipados* (tipos inferiores), foram impostos a um forte sistema de exploração de trabalho. Além disso, ao

longo da História, o povo judeu foi visto como objeto, usados pelos nazistas na era Hitler, na qual guetos eram construídos para "armazenar" tais povos.

2. 2. DIÁSPORA MODERNA

A diáspora moderna caracteriza-se como um momento de descobertas territoriais, fuga e escravidão, tendo sido iniciada no período após o renascimento, com um panorama mundial econômico que fazia com que povos de diversos lugares do mundo se deslocassem para lugares distintos, como fizeram os Mouros nos territórios Espanhóis, assim como os ciganos no início do século XIV.

Outro exemplo a ser salientado relaciona-se com o deslocamento dos sujeitos europeus com o propósito de descobrir riquezas em outras terras. Sobre isto, Ashcroft et. al. mostram que:

> Diáspora, movimento forçado ou voluntário de pessoas de sua terra natal para novas regiões, é um fato histórico central da colonização. O colonialismo, por si, foi um movimento radicalmente diaspórico, envolvendo a dispersão e o estabelecimento temporário ou permanente de milhões de Europeus por todo o mundo.
>
> [[…]Diaspora, the voluntary or forcible movement of peoples from their homelands into new regions, is a central historical fact of colonization. Colonialism itself was a radically diasporic movement, involving the temporary or permanent dispersion and settlement of millions of Europeans over the entire world.] (2000, p. 68-69).

Como distingue a citação acima a colonização tencionava, sobretudo, fortalecer as colônias recém descobertas pelos países europeus. Para Bonnici (2003, p.210) "As colônias foram imediatamente percebidas como fonte de matérias primas que sustentariam por muito tempo o poder central da metrópole". Assim, para a exploração destas novas terras, além dos europeus, foi também utilizada a mão de obra escrava, inicialmente dos nativos locais e, posteriormente, dos africanos trazidos à força. Deste modo, o processo da diáspora moderna na colonização tinha por meta marginalizar os sujeitos tidos como inferiores para que as metrópoles, "os países do continente europeu", obtivessem lucro, pois, como afirma Bonnici:

> Entre o colonizador e o colonizado havia o fator *raça*, que construía um relacionamento injusto e desigual. Os termos *raça, racismo e preconceito racia*l são oriundos da posição hegemônica européia. Esse tópico

> transformou-se numa justificativa para introduzir o regime escravocrata a partir de meados do século XVI, quando se formou a idéia de um mundo colonial habitado por gente "naturalmente" inferior, programados pela natureza para trabalhar braçalmente e servir ao homem europeu branco. (2003, p.210).

Com a dizimação e/ou imigração dos índios, o colonizador via a necessidade de mão de obra para fortalecer suas economias, uma vez que, de acordo com Bonnici (2003, p.210), as colônias eram vistas como: "um sistema capitalista moderno de trocas econômicas". A partir desse pressuposto, havia a necessidade cada vez maior da demanda de trabalhadores, então, iniciou-se um processo de escravidão com povos negros vindos da África.

As consequências da diáspora negra foram diversas. Na América, por exemplo, estes povos, além de serem forçados a trabalhar por incalculável demanda de horas, não eram bem alimentados, viviam em condições desumanas e eram submetidos a açoite quando infringiam regras dos seus senhores, ou quando furtavam qualquer coisa insignificante de posse dos seus senhores para comer (TODOROV, 1999).

Tal tipo de diáspora ocasionou, muito comumente, a fragmentação da identidade do sujeito escravizado, que começou a tentar imitar os valores europeus como se eles fossem verdadeiros, já que simbolizavam o poder. É o que Fanon chama de crise identitária do sujeito colonizado, que nega suas características e busca ser igual ao branco. (FIGUEIREDO, 1998).

Outro processo de diáspora, dá-se com os sujeitos vindos dos países Europeus, que eram iludidos pelos compatriotas com promessas de riquezas fáceis em países novos. Hall mostra que "A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade - os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor" (2003, p. 28). A promessa de voltar para seu lar foi um dos motivos que fizeram com que tais povos europeus deixassem-se levar pelas promessas de riquezas empregadas no discurso dos colonos e aderiram, desta forma, ao movimento da diáspora moderna, que fortaleceu a metrópole e foi alvo dos colonizadores até meados do ano de 1945.

2.3. DIÁSPORA CONTEMPORÂNEA

Iniciada no período pós Segunda Guerra Mundial de 1945 e vigorando até os dias atuais, a diáspora contemporânea foi marcada por um período de abandono de pátria. Um

dos principais motivos destes deslocamentos de espaço está relacionado às marcas deixadas pela guerra, o que aumentou consideravelmente o índice de pobreza no mundo e fortaleceu a obsessão dos sobreviventes da guerra pelo país e a cultura do *Outro*, que passou a ser visto como o local melhor, tendo como molde uma cultura perfeita. Sobre essa questão do *outro* se ver na cultura do *Outro*, Ashcroft et. al. salientam que:

> O desenvolvimento das culturas diaspóricas questiona, necessariamente, o modelo essencialista interrogando a ideologia de uma cultura normativa 'natural', que impõe o modelo centro/margem do discurso colonialista.
>
> [[…]The development of diasporic cultures necessarily questions essentialist model interrogating the ideology of a unified, 'natural' cultural norm, one that underpins the center/margin model of colonialist discourse.] (2000, p. 70)

Assim, o sujeito se desloca, por que vê no habitante do país rico o espelho de conduta a ser seguido. Então ele deixa seu país visando muitas vezes estudar, pois acredita que a educação que foi propiciada ao *Outro* é de melhor qualidade, ou vem com o propósito de trabalhar, pois também parte da acepção de se tornar tão bom quanto este *Outro* que teve acesso às facilidades ofertadas pelo "primeiro mundo", no caso, o país que o recebeu.

Por isso, aderir à diáspora contemporânea não significa, necessariamente, romper definitivamente com a pátria de origem, uma vez que é fortemente ligada "ao voluntarismo" (COHEN, 1997, p.21), deste modo, não é por escravidão ou represálias que o *outro* é induzido a esse movimento de estabelecer-se na terra do *Outro* e sim pela busca por melhores condições de vida que muitas vezes acabam sendo frustradas.

O excesso de sujeitos na terra do *Outro* gera um aglomerado de pessoas, e a consequência disso é o aumento do desemprego, contribuindo com o crescimento da violência e miséria, principalmente em países que começaram a ter problemas econômicos, como é o caso dos Estados Unidos. Isto leva o sujeito a se submeter às piores situações pela busca por sobrevivência, sendo muitas vezes induzido a roubar, se prostituir, sequestrar, matar, entre outros males que o degeneram.

3. SOBRE A AUTORA

Jhumpa Lahiri nasceu em Londres, em 1967, e cresceu em Rhode Island, nos Estados Unidos. Foi inúmeras vezes a Índia, terra de seus pais. Estudou literatura Inglesa

no Bernard College, na Columbia University, e fez estudos de pós-graduação na Boston University. Seu primeiro livro, Interprete de males (Companhia das letras, 2001), foi traduzido para 29 idiomas e recebeu os prêmios Pulitzer, O' Henry, PEN/Hemingway, New York para melhor estreia em ficção e Addison M. Metcalf, da Academia Americana de Artes e Letras. Em 2002, Lahiri recebeu uma bolsa de artes da fundação Guggenheim. Vive em Nova York. (LAHIRI, 2003).

4. A DIÁSPORA EM *O XARÁ* (2003), DE JHUMPA LAHIRI

O xará é o primeiro romance escrito por Jhumpa Lahiri, publicado no ano de 2003. Nesta obra é narrado o conflito de uma família Bengalesa que aderiu ao processo de diáspora rumo aos Estados Unidos na década de 60. O enredo conta a história do casal Ashoke e Ashima Ganguli que vieram de Bangladesh para os Estados Unidos. Ashoke tencionava melhoria profissional e Ashima, como esposa, o acompanha. Ao chegar à América, ambos se deparam com uma cultura muito diferente da sua. Essa diferença causa nos personagens um choque cultural, o casal se restringe de início, apenas às relações sociais que seguem, também, sua cultura indiana.

Com o passar dos tempos às consequências da diáspora vão se tornando cada vez mais salientes em Ashima e Ashoke, levando-os a paulatinamente, abrir espaço em suas vidas sociais, e absorver aspectos da vida Americana. Ashoke logo trava relações com pessoas que não fazem parte da cultura bangladeshiana e, mais tarde, Ashima consegue um emprego e passa a trabalhar em uma biblioteca. O casal ainda aceita o namoro de seu filho Gogol com uma não indiana e as mudanças de estilo cultural americanizado de sua filha Sonia, dentre outros. Na América Ashoke se realiza e torna-se professor em uma Universidade cujo *campus* é em outra cidade, onde passa a morar sozinho e lá morre. Com sua morte, Ashima abandona os Estados Unidos e volta para sua terra natal, enquanto que os filhos permanecem nos Estados Unidos.

4.1. A DIÁSPORA NA PERSONAGEM ASHIMA

No romance *O xará* o narrador molda na personagem Ashima uma indiana tradicionalíssima, uma representação do sujeito diasporizado frente aos valores culturais da sociedade norte americana, impondo-lhe a resistência a um choque cultural que aos poucos

sufoca sua cultura bengalesa. Tal fato pode ser mostrado no momento em que a personagem vai dar à luz em um hospital americano a seu primeiro filho, pois:

> [...] Ashima pensa que é estranho seu filho nascer num lugar onde a maioria das pessoas vai para sofrer ou morrer. Não há nada que a conforte no piso de ladrilho branco-cru, nas placas branco-cru do teto, nos lençóis branco muito esticados sobre a cama. Na Índia, pensa consigo, as mulheres vão para casa dos pais para ter filhos, longe dos maridos e dos parentes do marido, longe dos cuidados da casa, recolhendo-se brevemente à infância quando chega o bebê. (LAHIRI, 2003, p.12).

Ashima não entende a cultura norte americana, que lhe faz ir até um hospital para ter seu bebê, enquanto que sua cultura de origem o conduzia para casa de seus poís. Mas, a relação dela com o mundo do *Outro* obriga-o a aos poucos abandonar seus aspectos culturais, e absorver os aspectos da tradição alheia, o que causa a fragmentação de sua identidade, pois ao mesmo tempo em que quer conservar sua cultura na terra do *Outro* é induzido a incorporar *Outra* cultura para que a vida possa fluir de maneira "natural", mesmo que, para isso, passe a marginalizar as suas próprias origens, como faz Ashima quando é obrigada a ter seu bebê em um hospital. Repudiando essa incorporação cultural Ashima, indignada, recebeu a notícia de que teria de dar um nome a seu bebê antes que ele saísse do hospital, pois a narrativa mostra que:

> […] Mr. Wilcox, coletor de certidão de nascimento do hospital, diz a ambos que eles precisam escolher um nome para o filho. E descobrem que na América um bebê não pode ser liberado do hospital sem certidão de nascimento. E que uma certidão de nascimento precisa de um nome.
> "Mas mister", Ashima protesta, "não podemos dar o nome nós mesmos."[...]
> Mr. Wilcox concorda com a cabeça. "Vocês não tem nenhum nome alternativo?"[...]
> Ashima e Ashoke sacodem a cabeça. Nunca ocorreu a nenhum dos dois questionar a escolha da avó de Ashima, desconsiderar dessa forma o desejo de um ancestral. (LAHIRI, 2003, p.39-40)

Ashima esperava a carta da avó com o nome que seu filho teria, mas como a carta ainda não havia chegado é pressionada pelo hospital a nomear seu filho, pois na América uma criança não sai do hospital sem ter sido registrada, o que não ocorre na cultura indiana, nem as crianças não são registradas nem as mães vão para um hospital. Deste modo, podemos verificar na personagem, as complexidade frente aos valores sociais americanos. Ashima sente-se indignada com a possibilidade de saber que na América,

muito mais importante que as ações culturais são as regras e quando é obrigada a nomear seu bebê, mesmo sem o nome escolhido pela avó, Ashima vê seus aspectos culturais negados pela sociedade do *Outro*.

Além disso, aderir ao processo da diáspora contemporânea muitas vezes pode representar uma sensação frustrante ao diasporizado, pois, enquanto uns se deslocam pela oportunidade de crescer profissionalmente, o que é o caso de Ashoke, outros são forçados a aderir a este movimento, o que é o caso de Ashima que representa a imagem literária pós-colonial da mulher subalterna. A personagem analisada sabe que não possui valor autônomo na terra do *Outro,* e isso se reflete numa discussão que teve com Ashoke, quando Ashima fala que:

> "Não dá", ela insiste.
> [...] "O que está dizendo Ashima?"
> "Estou dizendo que não vou criar Gogol sozinha nesse país. Não está certo. Quero voltar. (LAHIRI, 2003, p.45)."

Podemos verificar que o retorno para a sua terra natal é uma das aspirações que o sujeito da diáspora representado por Ashima tenciona, pois, ao mesmo tempo em que romperia com a sensação de viver em um gueto, construiria em Ashima a representação de membro ativo de uma sociedade, filha de alguém, irmã de alguém, descendente de uma linhagem, fato este que na América lhe fazia falta e isso a atormentava como mostra a passagem a seguir:

> [...] Ashima, sozinha com Gogol pela primeira vez na casa silenciosa, sofrendo de falta de sono muito mais do que sofreu no *Jet lag* da viagem, senta-se em uma das cadeiras triangulares diante das janelas de três faces da sala de estar e chora o dia inteiro. Chora enquanto amamenta o bebê, e quando o nina para dormir e quando ele chora entre o sono e a madrugada. Ela chora depois da visita do carteiro porque não vieram cartas de Calcutá [...]. (LAHIRI, 2003, p.46).

Com estas reações, observamos que Ashima não está vivendo no solo alheio em seu aspecto concreto, como um ser ativo. Ao deslocar-se de seu espaço de origem no movimento da diáspora contemporânea para acompanhar o esposo, Ashima acaba assumindo uma dupla personalidade, em casa ela vive o costume indiano, na rua ela manifesta a cultura americana. Pois em solo americano ela não é "ninguém", apenas a esposa que veio acompanhando o marido na decisão por ele tomada. Ashima não escolhe vir para os Estados Unidos, apenas segue o marido.

Em se tratando desta dualidade de personalidades, podemos relatar que quando Ashima se desloca de seu local de origem pelo movimento da diáspora, é verídico que a personagem em questão representa um aspecto físico, ou seja, uma pessoa. No entanto, este aspecto físico possui uma logística abstrata, pois, em solo do *Outro*, mesmo sendo um sujeito fisicamente como qualquer um, Ashima não é percebida pela atual sociedade em que reside devido esta ser de *outra* cultura, e para ser vista como membro na sociedade do *Outro*, deve a imitar os costumes americanos:

.

> [...] liga para Ashoke no departamento para pedir que traga arroz ao vir para casa. Dessa vez, quando ninguém atende, ela se levanta, lava o rosto e penteia o cabelo. Troca de roupa, veste Gogol e coloca no carrinho azul marinho de rodas brancas herdado de Alan e Judy. Pela primeira vez, empurra-o pelas ruas perfumadas de Cambridge, até o Purity Supreme, para comprar um saco de arroz branco de grão longo [...]. (LAHIRI, 2003, p.47)

Ashima começa a agir como uma esposa e mãe norte americana e ao imitar a nova sociedade onde atualmente vive, passa a seguir o ideal social que tanto repudiou contribuindo para sua crise de identidade, pois mesmo incorporando aspectos sociais de uma cidadã americana comum, Ashima, assim como quase qualquer outro ser diaspórico, nunca se esquece de manifestar sua cultura mãe. O que pode ser percebido quando Ashima reúne seus amigos indianos em sua casa, para o ritual da primeira refeição de Gogol, o que dará início a sua vida de consumidor:

> Começa a alimentação de Gogol. [...] o sentido da coisa é dar início a sua vida de consumidor, uma refeição que inaugure as dezenas de milhares de refeições que cairão no esquecimento. [...]. Come três bocadas de payesh. Os olhos de Ashima se enchem de lágrimas quando a boca de Gogol aceita avidamente a colher. Não consegue deixar de desejar que seu irmão estivesse ali para alimentá-lo, e seus pais para abençoá-los com as mãos sobre sua cabeça [...] (LAHIRI, 2003, p.53).

Na citação acima, podemos refletir pelas atitudes da personagem a sua concepção de que não abandonando as suas origens estas podem competir com as ideologias éticas da sociedade americana. Na verdade o que Ashima acaba construindo para si é uma prisão dentro de sua própria casa, sem contar que acaba marginalizando sua cultura, visto que sua tradição só existe entre quatro paredes, ou seja, longe dos olhos da sociedade americana. Tal fato pode ser analisado quando Ashima estava grávida pela segunda vez na América, ensinando a Gogol os valores culturais indianos:

> [...] Às vezes, Gogol fica deitado ao lado dela no quarto dos pais, lendo um livro de figura ou colorindo com giz de cera. “Você vai ser o irmão mais velho”, Ashima diz para ele um dia, “Vai ter alguém chamando você de Dada. Não vai ser bom? (LAHIRI, 2003, p.69).

Deste modo, quando Ashima pergunta para Gogol se não vai ser bom ele ser chamado de “Dada”, irmão mais velho na cultura indiana, é verificado certo preconceito para com a linguagem do sujeito americano. Gogol passa a ser refém de uma ideologia que a senhora Ganguli, na posição de sujeito fragmentado, tenta plantar em seu filho, pois para Ashima, a sua linguagem indiana é melhor. Por isso, tenta convencer Gogol de que o fato de sua irmã mais nova não o chamar de “Dada”, seja um fato muito ruim, pois contraria suas tradições indianas.

Ashima mostra com suas atitudes que agora é um sujeito perplexo, o que se comprova quando esta matricula Gogol em uma escola cuja finalidade será transmitir e compartilhar valores culturais contrários aos valores indianos, o que causará mais indignação com o espaço do *Outro* e fortalecerá sua fragmentação identitária. Mesmo sabendo que Gogol está recebendo educação americana, Ashima fica perplexa com a primeira excursão escolar de seu filho, em que ele vai a um cemitério:

> Em casa sua mãe fica apavorada. Que tipo de excursão foi essa- Não basta passarem batom nos mortos e os enterrarem em caixões forrados de seda- Só na América (frase que ela começou a usar muito ultimamente), só na América crianças são levadas ao cemitério em nome da arte. O que vai ser depois, ela quer saber, uma viagem ao necrotério- Em Calcutá, os ghats de cremar os corpos são lugares dos mais proibidos [...]. (LAHIRI, 2003, p.87).

Assim, podemos verificar que Ashima sofre um choque cultura com a cultura americana e se mostrar inocente perante o diferente, o que a leva a construir uma visão estereotipada sobre os ensinamentos da cultura do *Outro*. Esse aspecto acompanhou Ashima durante toda trajetória de vida de seus filhos e se refletiu certa manhã, quando Gogol e Sonia já estavam crescidos, inclusive Gogol já se encontrava na faculdade, e em uma de suas visitas à casa de seus pais o filho mais velho chamou o alojamento da universidade de sua casa, o que deixou sua mãe muito chateada.

> [...] Num fim de semana, Gogol comete o erro de chamar New Haven como sua casa “Desculpe deixei em casa”, diz quando o pai pergunta se lembrou de comprar o adesivo da Yale que querem colar no vidro de trás do carro. Ashima fica indignada com a palavra e reclama o dia inteiro. “Apenas três meses, e olhe só você”, diz, contando a ele que mesmo

> depois de vinte anos na América não consegue se referir à rua Pemberton como sua casa.(LAHIRI, 2003, p.129)

Deste modo, podemos verificar que a Ashima dona de casa mostra para os filhos que não consegue se misturar à sociedade onde reside, travando-o um conflito entre ela e a sociedade, fato este que passa a ser transmitido pela ilustração discursiva acima, pois Ashima cria para a sociedade do *Outro* uma visão *estereotipada*, ou seja, um tipo social inferior ao seu.

Outra situação onde é visível a intensa criação de estereótipos em Ashima esta associado com sua crise de identidade, é quando prepara os cartões de Natal, uma data cristã que a família Ganguli não costumava celebrar, mas que passou a fazê-lo por causa dos amigos americanos que tinham por tradição o envio dos cartões. Os estereótipos estão na substituição dos símbolos natalinos e a crise de identidade se mostra exatamente em confeccioná-los e distribuí-los, pois Ashima:

> [...] Tem o cuidado de escolher os que dizem "Boas festas" ou "melhores votos" em vez de "Feliz Natal", para evitar os anjos e as cenas de natividade em favor do que considera, seguramente, imagens seculares- um trenó puxado por um campo coberto de neve ou patinadores em um lago. O cartão deste ano traz um desenho que ela mesma fez, um elefante decorado com jóias verdes e vermelhas, colado sobre papel prateado [...] (LAHIRI, 2003, p.129).

Com este discurso, podemos perceber que ao mesmo tempo em que Ashima comemora o natal, quer apagar a imagem tradicional que essa festa passa. Para os cristãos americanos, o natal significa o nascimento de cristo, e como diz não crer nesta figura religiosa, Ashima também passa a construir sua própria imagem da festa, atribuindo uma ilustração que relembre a crença indiana, com isso, ora ela absorve os costumes da nova terra, ora ela passa a limitar esses costumes e manifesta o que é devotado pelo costume Indiano.

Uma dessas limitações é a devoção pelo costume indiano que pode ser analisada quando Ashima perde seu marido, que veio a falecer longe dela e de todos os seus entes queridos, quando se encontrava na cidade a qual a instituição de ensino em que ele trabalhava o enviou. A morte de Ashoke fez com que Ashima abandonasse em partes os novos valores sociais absorvidos, visto que:

> [...] eliminou o vermelho da risca do cabelo. Tirou a pulseira de ferro de casamento, forçando com creme a passagem da mão, [...].

> No décimo primeiro dia, convidam os amigos para marcar o fim do período de luto. Realiza-se uma cerimônia religiosa no chão, em um canto da sala; pedem a Gogol que se sente diante de uma foto do pai, enquanto um sacerdote entoa versos em sânscrito [...] (LAHIRI, 2003, p.210-211)

Como podemos notar, com o passar dos tempos na terra do *Outro*, Ashima acaba se tornando refém de um cárcere psicológico causado por si e que trouxe sua crise identitária, o fato de começar, em certos aspectos, a ver-se como americana e não indiana a torna complexa. E esta necessidade de se encontrar como ser humano degenera Ashima, que vive uma busca incessante por seus verdadeiros valores, o que se evidencia quando ela decide voltar para sua terra natal:

> [...] Por cinqüenta e três anos sentiu saudades da vida na Índia. Agora, vai sentir saudades do trabalho na biblioteca, das mulheres com quem trabalhava. Vai sentir saudades das festas. Vai sentir saudades de morar com a filha, do surpreendente companheirismo que desenvolveram, indo a Cambridge juntas pra assistir filmes antigos no Brattle, ensinando Sonia a cozinhar pratos que a filha, quando criança, reclamava ter de comer [...] é aqui, nesta casa, nesta cidade, que ela continuará habitando em sua mente. (LAHIRI, 2003, p.319)

Percebemos, nos sentimentos de Ashima, a ambiguidade da questão diaspórica. Ora a personagem quer impor seus princípios culturais de Bengalesa, ora ela é influenciada pelos aspectos culturais americanos. São questões inerentes ao ser diaspórico. Na América, Ashima é influenciada por uma cultura que aos poucos reduz a sua de Indiana. Na verdade, ao ser dominada pela cultura do outro, a personagem é colonizada, o que causa a sensação de estar sempre renascendo em outro lugar, por esta ser rodeada por uma nova cultura.

Nota-se que Ashima não é mais a mesma mulher Indiana que possui uma imagem puramente patriota a respeito da Índia. No final do romance, retornando para sua pátria, carrega consigo uma mulher com uma vida nova. Ashima agora é viúva, “emancipada ou conturbada” socialmente, autônoma e, acima de tudo, vitimada pela diáspora, o que torna difícil entender qual o verdadeiro caráter patriota de Ashima pela Índia, pois já vimos que o ser diaspórico quase sempre carrega consigo a imagem do retorno. Porém, este retorno, para Ashima, nunca será a continuação da vida que possuía antes na sua terra natal, e sim um retorno saturado de perspectivas mais avançadas de vida, lembranças da independência adquirida nos Estados Unidos, o que poderá fazer com que se veja à margem no lugar do qual sempre sentiu falta.

3.2. A DIÁSPORA NO PERSONAGEM ASHOKE

Ashoke é outra representação do sujeito diaspórico na obra *O xará* (2003) de Jhumpa Lahiri. O personagem a ser analisado é seduzido pelo poder da diáspora contemporânea, ou seja, aquela forma de deslocamento na qual o homem abandona seu local de origem tencionando melhorias sociais em outro espaço. A imagem de melhor qualidade para o espaço do *Outro* é uma característica do que busca Ashoke, que o faz construir a imagem da América como espaço ideal devido os sujeitos que ali habitam serem mais desenvolvidos que ele próprio. Então, na tentativa de se igualar aos sujeitos dos Estados Unidos, Ashoke molda para si uma vida propriamente americana absorvendo e pondo em prática seus aspectos.

Ao absorver uma nova cultura, Ashoke se depara com uma sociedade com tradições e costumes totalmente contrários aos seus, o que faz com que este sujeito se sinta reduzido perante o novo espaço ao qual residirá. As diferença de valores sociais e culturais é percebida em Ashoke já no nascimento de seu primeiro filho, Gogol, em solo americano, pois o modo como os pais americanos recebem a notícia do nascimento de seus filhos surpreende Ashoke:

> [...] Os homens esperavam com charutos, flores, cadernetas de endereço, garrafas de champanhe. Fumavam cigarros, batem as cinzas no chão. Ashoke é indiferente a essas amenidades. Não fuma, nem bebe álcool de nenhum tipo. E é Ashima quem guarda todos os endereços deles em um caderninho que leva na bolsa. Nunca lhe ocorreu comprar flores para a mulher. (LAHIRI, 2003, p.21)

Com base na reação de Ashoke, podemos analisar que a cultura adotada pelo *Outro* não é aprovada. Essa não aprovação dá-se ao fato de o diaspórico chegar ao solo alheio ainda apegado ao seu local de origem, fazendo com que este sujeito passe a repudiar as ações culturais do sujeito nativo, surgindo, com isso, um conflito entre estereótipos, pois, ao mesmo tempo em que os diaspóricos criam estereótipos para a sociedade americana, eles também passam a ser vistos como sujeitos estereotipados perante os *Outros*.

Em relação aos estereótipos atribuídos, um dos que mais se salientam sobre os seres que se deslocam é o de serem vistos como pessoas fracassadas. E em se tratando do personagem Ashoke, esse fracasso encontra-se em seu psicológico, pois, quando jovem, ainda em sua terra natal, levado pelo discurso idealizador de um viajante Indiano chamado

Ghosh, que há pouco tempo chegara da Europa, Ashoke é seduzido com uma imagem de mundo do *Outro* melhor que o seu, visto que:

> [...] Ghosh falava da Inglaterra com relevâncias. As ruas cintilantes e vazias, os carros pretos polidos, as fileiras de carros brilhando de tão brancas, dizia ele, eram como um sonho. Os trens partiam e chegavam no horário, disse Ghosh, ninguém cuspia nas calçadas [...]. (LAHIRI, 2003, p.25).

Como podemos observar, a marginalização de sua terra natal é uma das consequências do homem que abandonou sua pátria por meio da diáspora. O sujeito diasporizado tende a reduzir seu local de origem e exaltar o local do *Outro,* o que Fanon (FIGUEIREDO, 1998), chama de crise identitária, e esta crise pode ser percebida no personagem Ghosh em um discurso com Ashoke:

> "Já viu muito do mundo? Ghosh pergunta a Ashoke [...] "Fui uma vez para Délhi" [...]. "Não este mundo" disse, olhando, decepcionado para o interior do trem. Inclinou a cabeça na direção da janela. "A Inglaterra A América", disse como se as aldeias sem nome por que passavam tivessem sido substituídas por esses países. "Já pensou em ir lá? (LAHIRI, 2003, p.25).

Como já foi mencionado, ao analisarmos Ashima, o homem que viveu em solo alheio pelo movimento da diáspora é um sujeito com a identidade fragmentada, que chega a admirar o espaço do *Outro*. E foi através desta devoção de espaço empregada pelo discurso sedutor de Ghosh, que Ashoke passou a construir uma imagem de lugar melhor para o espaço alheio, pois:

> [...] Ashoke começou a vislumbrar outro tipo de futuro, [...] ir embora dali, para o mais longe que pudesse do local que nasceu e em que quase morreu. No ano seguinte, [...] voltou à faculdade é formou-se, e sem dizer nada aos pais inscreveu-se para terminar os estudos de engenharia no estrangeiro [...]. (LAHIRI, 2003, p.30-31)

Como expõe a citação acima, o personagem Ashoke, antes mesmo de conhecer o exterior, já inferiorizava sua pátria, o que nos leva a afirmar que o discurso empregado por Ghosh causa de imediato em Ashoke uma diáspora psicológica, embora o personagem analisado nunca houvesse estado em nenhum outro país antes, sendo deste modo fugitivo psicológico de sua pátria.

No mais, ao concretizar o abandono de sua terra natal, Ashoke tem sua tradição degenerada nas ideologias do *Outro*, seus aspectos culturais serão relegados e para ser

percebido na nova sociedade onde atua, tenderá a aceitar as artimanhas empregadas na ideologia que o *Outro* acha apropriada, como aconteceu com Ashoke quando ouviu de Mr. Wilcox que teria de nomear seu filho, rompendo com sua cultura em nome da ideologia americana, pois:

> [...] na América um bebê não pode ser liberado do hospital sem certidão de nascimento [...] "Mas mister", Ashima protesta, "não podemos dar o nome nós mesmos."
> [...] "Então, porque não dar a ele o nome de outra pessoa? Alguém que vocês admirem muito?" A porta se fecha, e é então que ocorre a Ashoke, com um ligeiro arrepio de reconhecimento, como se soubesse o tempo todo, o apelido perfeito para seu filho.
> "Olá, Gogol", sussurra sobre o rostinho altivo do filho, o corpinho enrolado com firmeza. "Gogol" repete, satisfeito. (LAHIRI, 2003, p.39-40)

A citação acima mostra que, na terra do *Outro*, o diaspórico quase sempre será margem, não possuirá autonomia, sendo obrigado a aceitar o que é considerado correto pela sociedade a qual passou a atuar. Neste sentido, embora sua cultura acredite que a criança, ao nascer, não deva receber o "bom nome", (o nome pelo qual será conhecido fora de casa) mas somente um apelido, com o qual será conhecido em família, Ashoke nomeia o filho, mas usa o que, para ele, seria um apelido, Gogol. O "bom nome" de seu filho é Nikhil, mas, na América, a criança é registrada com um nome e este será o nome pelo qual será conhecido em qualquer situação, dentro ou fora de casa e, neste caso, o nome no registro de nascimento de seu filho é Gogol. A confusão se instala, pois quando Ashoke apresentou seu filho Gogol na escola com o seu "bom nome", Nikhil, a diretora mostra-se perplexa frente a esta tradição cultural indiana e expõe ao patriarca Ganguli que essa tradição não vale em solo americano:

> (...) "Bem vindo à escola elementar Nikhil. Eu sou a diretora missis Lapidus" (...) "Pode me dizer quantos anos tem Nikhil".
> Para provar que Gogol fala inglês, Ashoke faz uma coisa que nunca fez antes, dirige-se ao filho com todo o cuidado em inglês, com sotaque. "Vamos lá, Gogol", diz, acariciando sua cabeça. "Diga para senhorita Lapidus quantos anos você tem"
> "Como é –", Mrs. Lapidus pergunta.
> "O que, minha senhora?"
> "Esse nome que você usou para ele alguma coisa com G."
> "Ah, isso, é assim que ele é chamado em casa. Mas o bom nome dele tem de ser... é...", Ashoke acena forte com a cabeça, "Nikhil."
> [...] "De acordo com estes documentos, o nome legal de seu filho é Gogol." (...)

> Ao final desse primeiro dia, ele é mandado para casa com uma carta de Mrs Lapidus a seus pais, [...] explicando que, devido a preferência de seu filho ele será conhecido na escola como Gogol. (LAHIRI, 2003, p.73- 4-5-6)

Ao ser inferiorizado em seus direitos culturais, Ashoke vivencia uma verdadeira morte identitária, pois, não apenas o *Outro* reduz Ashoke em seu aspecto ideológico, mas ele mesmo passa a negar-se, negar sua ideologia, sua linguagem e o seu discurso, visto que estes são componentes essenciais a serem apresentados por uma comunidade. Assim, Ashoke fica disponível para que o americano imponha a sua cultura da maneira que achar necessária, com finalidade de construir um ser "melhor". Quanto a esse processo de construir um sujeito melhor, vemos que Ashoke e sua família reagiram a ele de maneira hegemônica, pois

> [...] não parecem em nada diferente de seus vizinhos. Sua garagem, como todas as outras, contém pás, tesouras de poda e um trenó, Compram uma churrasqueira para fazer *tandoori* na varanda no verão [...] Aprendem a assar Peru no dia de Ação de Graças, embora temperado com alho, cominho e pimenta-de-caiena, e a pregar uma guirlanda na porta em dezembro, a enrolar um cachecol de lã no homem de neve, a tingir de roxo e de rosa os ovos cozidos na Páscoa e escondê-los pela casa [...] Ashoke, acostumado a usar calças de alfaiates e camisa a vida inteira, aprendeu a comprar roupas prontas. (LAHIRI, 2003, p.80-81)

Com esta citação, podemos refletir que a construção da nova identidade em Ashoke já era algo esperado. A diáspora causada pelo próprio patriarca da família Ganguli, com finalidade de obter o mesmo padrão de vida dos cidadãos americanos, mostrava a necessidade do ensinamento cultural que o personagem sentia, o que faz com que afirmemos que Ashoke estava disposto a aceitar o que fosse para ser igualmente aos americanos, ou seja, um sujeito "melhor".

Deste modo, pensando em ser tão completo quanto o americano, Ashoke, entra em competitividade com este e passa a vender sua mão de obra, tornando-se um sujeito que gasta todo seu potencial físico e intelectual para que a sociedade do *Outro* possa se desenvolver. O personagem em questão personifica a imagem de exploração como similitude a troféu idealizado de reconhecimento por seu potencial. Isso se reflete quando Ashoke manda para seu filho uma ilustração do seu futuro local de trabalho:

> [...] O pai mandou-lhe um recorte do jornal do campus falando da bolsa, com uma foto dele de pé diante do prédio da engenharia "Bolsa prestigiosa para o professor Ganguli", dizia legenda. (LAHIRI, 2003, p.169-170)

Podemos verificar que Ashoke sentia-se lisonjeado por fazer parte de um poder hegemônico de exploração por parte da sociedade americana devoradora de mão de obra subalterna. Assim, Ashoke se aprisiona na América e enquanto lhe sobrava trabalho, lhe faltavam amigos, tempo com a família e o principal, cuidado consigo mesmo, o que pode ser visto quando Ashoke liga de Cleveland para Ashima em Massachusetts:

> "Estou no hospital", ele responde.
> "O que aconteceu?" [...]
> "Meu estômago está me incomodando desde cedo." [...]
> "Esta trabalhando demais. Você não é mais um estudante. Espero que não esteja com uma úlcera", diz ela. [...] "Quem levou você aí?"
> "Ninguém. Estou sozinho. Não é nada grave, verdade" (LAHIRI, 2003, p.192-193)

Após este telefonema, Ashoke, já idoso, falece no solo do *Outro* que tanto ajudou a desenvolver, morando sozinho em um apartamento de solteiro, comendo comida congelada, vivendo longe da família, tudo em prol de sua carreira. A diáspora trouxe o patriarca Ganguli para a América, desenvolveu um profissional e mostrou o caminho de uma sociedade globalizada, e nesta sociedade os espaços estavam se abrindo cada vez mais para o engenheiro Ganguli e o sonho de crescer como sujeito capaz de chegar ao mesmo nível do *Outro* levou este personagem a ter uma vida voltada para a pátria americana, mesmo sentido falta de sua pátria e sua cultura. A ambição por se igualar ou até mesmo ocupar o lugar do sujeito americano não permitiu que Ashoke voltasse para Índia ou desfrutasse melhor dos aspectos positivos que o sucesso profissional trouxe para usa vida.

Deste modo, Ashoke rompe com a idéia de sujeito que sonha em realizar-se profissionalmente para voltar para sua pátria. No entanto, Ashoke manifesta outra característica do sujeito diaspórico, que é o fato de ser seduzido e usado para construir e melhorar o espaço do *Outro* e assim o faz. Portanto, o personagem é uma caricatura do sujeito diaspórico, ambicioso e inteligente, porém fraco, que se deixa convencer pelo discurso do *Outro*, mesmo sendo um sujeito que sente saudade do que deixara em sua pátria mãe.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, tornou-se possível analisar a diáspora no contexto Pós-colonial na obra *O xará* (2003), de Jhumpa Lahiri. Objetivou-se mostrar o deslocamento da pátria por

meio da diáspora, suas causas e consequências nos personagens Ashoke e Ashima Ganguli. Para a concretude deste artigo, descreveu-se o funcionamento da diáspora no contexto literário de forma cronológica, partindo da primeira manifestação diaspórica caracterizada como Diáspora Clássica, surgida antes da configuração do mundo "moderno", iniciado com o Renascimento, passando pela Diáspora Moderna, iniciada no período após o renascimento e marcada por um período de descobertas territoriais, escravidão e outros, até chegarmos à Diáspora Contemporânea, datada desde 1945 e vigorando até os dias atuais, centrada em fuga do território em busca de melhores condições de vida.

Com base na análise levantada, chegou-se a entender que o casal Ashoke e Ashima Ganguli aderiu ao estilo de diáspora contemporânea. Ashoke diasporiza-se com intenção de estudar a fim de adquirir melhores condições profissionais. Porém, ao chegar aos Estados Unidos, ele se depara com uma sociedade com costumes diferentes do seu e, de início, o patriarca Ganguli acha estranho esse convívio e foge dos modos americanos. Porém, como era condição deste aprender e se desenvolver da mesma forma que o sujeito americano, ele perpetua a diáspora e passa a imitar o método de vida do *Outro.* Assim, torna-se uma importante mão de obra que ajuda a melhorar o espaço do *Outro*, vivendo para trabalhar e crescer profissionalmente.

Em relação à Ashima, o choque cultural foi ainda maior, esta personagem não estava preparada para viver em uma nova sociedade. Diferente de Ashoke, que escolhera ir para a América, Ashima foi forçada a ir para os Estados Unidos por ser esposa de Ashoke. De início, tudo para a personagem é estranho, a maneira como o *Outro* age, seu meio de saúde, quando ela vai dar à luz a seu filho, a maneira como as crianças são educadas, devido o fato ocorrido com a visita de Gogol ao cemitério, entre outros aspectos. Porém, com o decorrer do tempo, Ashima, não diferente de Ashoke, abriu espaço em sua vida e absorveu parte dos costumes americanos. No entanto, ela volta para a Índia no final do romance, o que deixa a entender que ela foge não das ações da diáspora, já que ela se tornou influenciada pelo costume do *Outro*, mais sim do espaço diasporizado, pois mesmo fugindo ela é um ser fragmentado que perpetuou as ações da diáspora.

Os estudos sobre a temática da diáspora na literatura ainda guardam muitas implicações a serem desenvolvidas, o que sugere um processo de pesquisa mais profundo e minucioso, sendo sugestivo como linha de estudo e pesquisa até mesmo em teses de mestrado ou doutorado. Além disso, a obra o *O xará*, (2003) de Jhumpa Lahiri, mostra uma exemplo fiel desta teoria, com os deslocamentos dos personagens analisados na diáspora contemporânea. Ainda esta mesma obra, diversos outros aspectos podem ser

trabalhados, como o feminismo, analisando as personagens femininas na obra, já que algumas seguem o modo submisso de vida da mulher bengalesa e outras fogem disso, além o heroi moderno no personagem Gogol, filho do casal Ganguli, a formação do sujeito diasporizado, a outremização e os estereótipos dados a estes personagens, entre outros aspectos.

REFERÊNCIAS

1-ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Key Concepts in Post-Colonial studies.** London: Routledge, 2000.

2-BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renata Goncalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

3-BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (orgs). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 205-220.

4-BONNICI, Thomas. **Conceitos chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

5-BRAH, A. **Cartographies of diaspora**: Contesting identities. London: Routledge, 2002.

6-COHEN, Robin. **Global Diaspora**: an introduction. Washington: UCL Press. 1997.

7-FELDMAN, Alba Krishna Topan. Diáspora e resistência em **The pickup** (2001), de Nadine Gordimer. In: BONNICI, Thomas. (org) **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais.** Maringá: Eduem, 2009. p 251-278**.**

8-FIGUEIREDO, E. **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: Eduff, 1998.

9-HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e meditações culturais**.** Trad. Adelaine de Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

10-LAHIRI, Jhumpa. ***O xará***. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

11-TODOROV, T. **A conquista da América***:* a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.